RITUAIS DE PROMESSA NO CATOLICISMO NA CIDADE DO RECIFE/PE: a representação social do falar e agir dos devotos.

Ilka Maria da Silva Oliveira[1].
Prof. Dr. Drance Elias da Silva[2].

O estudo visa apreender a Representação Social do corpo nos rituais de promessa, caracterizado pelo pluralismo de manifestações presentes na experiência religiosa, resultante da construção de significados da relação do sujeito devoto com o sagrado.

Trata-se de um estudo descritivo em andamento, as entrevistas foram realizadas entre outubro de 2015 até julho de 2016, com 15 devotos e no momento, se encontra na fase de análise dos dados. O universo dos participantes foi definido nas três celebrações de grandes festejos religiosos que se dá no perímetro urbano da cidade de Recife em Pernambuco e que concentra um grande número de fiéis, que mantém a duras penas tanto as tradições quanto as reatualizações dos santos e teve como critério de inclusão, estar realizando de forma visível, o seu ritual de promessa para o santo de sua devoção. Os sujeitos foram escolhidos de forma aleatória e que aceitasse responder a uma entrevista de perguntas abertas, com o objetivo de trazer o entrevistado a pensar e falar sobre a importância do corpo para a realização do seu ritual de promessa, para saber sobre a Representação Social do mesmo; não foi feita nenhuma distinção quanto a gênero, idade ou outro critério qualquer.

Fundamentamo-nos na Teoria das Representações Sociais e seus teóricos de referência, para analisar o universo simbólico do falar e do agir das pessoas, buscando a possibilidade de categorizar as representações sociais para ir além do cumprimento da promessa, através das falas/entrevistas, do discurso comum nos santuários, bem como no testemunho dos (as) devotos (as), esclarecer os mecanismos que são empregados e construir categorias descritivas e interpretativas e para compreender qual à necessidade de expressar com o corpo a devoção, para que a graça seja vista pelo santo.

[1] Pós graduanda do Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: ilkaoliveirastn@gmail.com
[2] Doutor em Sociologia. Professor adjunto da Universidade Católica de Pernambuco – Mestrado em Ciências da Religião e Bacharelado em Teologia. E-mail: drance@unicap.br

Tratamos de responder as questões: Qual a representação de corpo dentro do ritual do pagamento da promessa? – Como o devoto entende que deve ser realizado o ritual da promessa? – A linguagem corporal é realçada para simbolizar a relação entre o sujeito que cumpre a promessa e o sacrifício imposto ao corpo?

Os rituais de promessas expressam a representação do corpo como produto da atividade simbólica que vai além de si mesmo, como fenômeno mediador entre o indivíduo e o sagrado. Os símbolos pressupõem a capacidade de evocar presença a pesar da ausência, provocam uma fusão entre sujeito e objeto e através deles, coisas diferentes podem significar umas às outras e podem mergulhar umas nas outras.

> A prática da "promessa" é certamente a mais frequente e generalizada entre as práticas religiosas do brasileiro. Ela consiste em prometer algo importante e relativamente difícil de ser executado, caso se consiga a realização do pedido feito. A promessa é uma dívida sagrada que se contrai com Deus ou com os santos. Essa obrigação é transposta, na fala dos pregadores, para a necessidade de se pagar pelos milagres, ou cura (muitas vezes aparente ou passageiro) acontecido a alguém. (GUARESCHI, 1995, p. 216).

Pela aproximação com o fenômeno do pagamento da promessa dos devotos em Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Carmo e pelas entrevistas, percebemos como vivenciam suas práticas devocionais, como objetivam e as ancoram e como isso contribui para a conservação do 'habitus'[3] no campo religioso brasileiro.

Como referencial empírico trouxemos para o campo da pesquisa a figura mariana como mediadora privilegiada que é um patrimônio do catolicismo, considerada como a mãe de Jesus e dos homens, na qualidade de porta voz das súplicas e dos pedidos, coroada como "rainha" e "padroeira" em diversas nações.

A devoção a Nossa Senhora da Conceição faz parte deste estudo e data do século XVIII as primeiras notícias referentes ao Morro da Conceição em Recife/PE. Na tradição bíblica desde a igreja primitiva, a Imaculada Conceição refere-se a um dogma que Maria humana e sem pecado desde a concepção, a mãe de Jesus e que desde o começo do cristianismo este dogma já era tido como verdade de fé para os fiéis e está fundamentado na bíblia.

---

[3] Bourdieu apresenta um sistema de disposições duráveis e transferíveis o "habitus" que é depositado em todo ator social desde a primeira infância que proporciona a prática sem razões explícitas e sem intensão significante.

> A outra face do Morro da Conceição é a face de uma comunidade de fé, que nasceu aos pés da Virgem da Conceição e que pede dia e noite a sua proteção. É uma variedade de expressões: uns suplicam outros agradecem (SANTANA, 2012, p.137).

A devoção a Nossa Senhora do Carmo, que também pertence ao campo de análise para esta pesquisa, em especial para ela é remetida a cor amarela, que são apresentadas nas mais diversas vestimentas, flores e decorações em alusão à santa. Em 1909 a Virgem do Carmo foi proclamada Padroeira do Recife, e no dia 21 de setembro de 1919 foi coroada. Em 1917, a igreja foi agregada à Basílica de São Pedro, no Vaticano, e em 1922, elevada à condição de Basílica. 16 de julho Dia de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Recife e feriado municipal e em 2016 aconteceu a 320ª edição da festa em sua homenagem.

O sentido dos símbolos também pode ser único para os fiéis, como no caso do código das cores, que são utilizados para exprimir valores e ou aspectos psicológicos na experiência religiosa, neste deslocamento há um resultado de projeção de pertencimento.

> Cada grupo humano possui como sabemos seu código de cores, que ele utiliza tanto para exprimir as diversas qualidades ou aspectos psicológicos da pessoa quanto suas concepções morais e os graus progressivos da experiência religiosa (MESLIM, 2014, p. 283).

Pelo rito ascende-se ao mundo religioso, reza-se com frequência, em especial nos momentos de angústia ou de necessidade, manda-se celebrar missa nas grandes ocasiões de alegria e de festa que acompanham as fases da vida, recorre-se a Deus e aos santos, estabelecendo um pacto onde vigora um intercâmbio ritual onde o suplicante realiza a sua promessa em troca da realização do milagre. No centro dos ritos cristãos, os corpos constituem lugares privilegiados da intervenção do sobrenatural testemunhados na hagiografia[4] e na literatura dos milagres.

A iconografia é uma fonte de conhecimento, pois a imagem sagrada torna-se objeto de contemplação e estabelece laços pessoais entre o devoto e o Deus que se acredita presente, ela tem a finalidade de perceber a realidade transcendente da divindade. Para o culto das relíquias, como ao túmulo dos santos, para estabelecer um diálogo ao qual se pode pessoalmente dirigir o pedido. Também as medalhas, rosários, estátuas, as bênçãos para todas as circunstâncias,

[4] O termo originou-se por volta do século XVII, com objetivo de sistematizar os diversos escritos a respeito dos santos, objeto da veneração dos fiéis.

os ramos bentos, as velas, as cinzas, em que a existência cotidiana do homem se encontra inserida, protegida e garantida.

> A prática da promessa é certamente a mais frequente e generalizada entre as práticas religiosas do brasileiro. Ela consiste em prometer algo importante e relativamente difícil de ser executado, caso se consiga a realização do pedido feito. A promessa é uma dívida sagrada que se contrai com Deus ou com os santos. Essa obrigação é transposta, na fala dos pregadores, para a necessidade de se pagar pelos milagres, ou cura (muitas vezes aparente ou passageiro) acontecido a alguém (GUARESCHI, 1995, p. 216).

Na periódica de reafirmar valores comuns, nasce o comportamento ritual cujo protótipo encontra-se no sacrifício e que pouco importa que sejam palavras, gestos cantos, posições, danças, objetos, animais, seres humanos ou pensamento. O que importa é saber o que se oferece, por quem e em que proveito.

O rito envolve a ação padronizada dos membros dos grupos e também a ocasião de reconhecimento mútuo, o rito exprime o ritmo da vida social, da qual é resultado. De maneira mais geral Rivière (1996) define como:

> Conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com base corporal (verbal, gestual, postural), de caráter mais ou menos repetitivo, com forte carregamento simbólico para seus atores e habitualmente para os seus assistentes, condutas essas fundamentadas numa adesão mental, muitas vezes inconsciente, a valores relativos a escolhas sociais consideradas como importantes, e cuja eficácia não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica da ligação entre causa e efeito (p. 10-11).

O rito estrutura o tempo tanto pelo recomeço como pela repetição, com recorrência ao calendário, que também se remete e recapitula o percurso escatológico de uma vida como a de Cristo (Natal, Quaresma, Páscoa, Pentecostes). O aspecto repetitivo evidência que a mensagem é duradoura e válida para guiar o futuro, através dos simbolismos e carregado de sentido, o rito é pressionado para firma-se como tradição realmente transmitida sem mudança e por esse motivo, sua legitimidade é indubitável, a tradição é restaurada pela ritualização e o rito pode ser uma tradição restaurada.

> Se todo símbolo produz assim uma indução de sentido, o símbolo religioso orienta para um sentido preciso e objetivo sustentado por toda uma tradição. Ele está ligado a uma experiência totalizante que une o ser humano ao divino (MESLIN, 2014, p. 265).

O rito tem como objetivo essencial de levar os seres e as coisas a se comunicarem entre si, segundo regras codificadas, como uma linguagem comum a toda a humanidade desde as origens, os atores envolvidos no ritual agem como se estivessem em uma ação performática, experimentam o acontecimento pelos

múltiplos meios dos sentidos e trazem consigo uma mensagem de respeito pelos protocolos.

A festa como todo ritual é uma condensação de rituais não cotidianos que transformam o viver diário e onde há a suspensão dos parâmetros normais do tempo-espaço ordinário e introduz um tempo-espaço extraordinário. Suas regras são distintas e há sempre uma volta ao símbolo, à corporeidade[5] expressiva, ao sentimento e a imaginação, como cita Parker (1995), antecipa o tempo não vivido, contra cultura da modernidade, espaço de resistência à lógica racionalista e instrumental, âmbito simbólico regenerador e libertador.

A repetição fiel dos modelos divinos tem um resultado duplo, ao imitar os deuses o ser humano mantém-se no sagrado e ao reatualizar initerruptamente os gestos divinos, o mundo é santificado, a memória pessoal não entra em jogo e o que conta é rememorar o acontecimento mítico. Nas romarias e peregrinações para os povos urbanos, adquirem um sentido diferente e renovado, a ocasião de reencontro com o sentido festivo original, se intensifica e se potencializa.

Neste sentido, é necessário dar atenção tanto a linguagem religiosa quanto aos fatos da cultura para que haja a interpretação destes, que não gozam de autonomia natural, efetivamente eles não são determinados unicamente por fatores econômicos, políticos, sociais ou culturais do qual é contemporâneo. Sua substância não se dá nem se esgota inteiramente no acontecimento e em sua manifestação, porque para um fiel pode parecer como uma referência a uma realidade julgada superior.

Na fase de conclusão deste estudo, propomos apreender as representações sociais presentes nas falas e identificadas nas informações dos depoimentos e observação participativa, na relação com a ação física e corporal dos devotos, no ato da realização para a conclusão de suas promessas de fé e analisar as respostas representadas, estabelecendo interpretações de consenso e a crítica da contradição criativa.

Referências

[5] Termo da filosofia para designar a maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo. Corporeidade é supostamente animada pela alma humana que lhe daria transcendência pelo nosso corpo.

ARAGÃO, Gilbraz. CABRAL, Newton. VALLE, Edênio. (Orgs.). **Para onde vão os estudos da religião no Brasil?** São Paulo: ANPTECRE, 2014.

AZEVEDO, Thales de. **O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social.** Salvador: EDUFBA, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas: Papirus, 1996.

CORREIA Júnior, João Luiz. COSTA, Marcos Roberto Nunes. (Orgs.). **Os mistérios do corpo: uma leitura multidisciplinar.** Recife: INSAF, 2004.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Como Normatizar Trabalhos Acadêmicos - Projetos, Monografias e Artigos.** 2 eds. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino.** Tradução: Orlando dos Reis. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MOSCOVICI, Serge. **A máquina de fazer deuses.** Rio de Janeiro: Imago, 1990.

PARKER, Cristián. **Religião popular e modernização capitalista: Outra lógica na América Latina.** Tradução de Attílio Brunetta. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

RIVIÈRE, Claude. **Os Ritos Profanos.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTANA, Severina Paiva de. **Aos pés da Santa: a história de um povo.** Recife: Ed. Bargaço, 2012.

SPINK, Mary Jane**. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais.** In GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). Textos em representações sociais. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs). **Religiões em Movimento. O Censo de 2010.** Petrópolis: Vozes, 2013.

VALLE, Edênio S.V.D. **Religiosidade popular: Evangelização e vida religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1975.

WAGNER, Wolfgang. **Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais.** In GUARESCHI, Pedrinho A. JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). Textos em representações sociais. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.